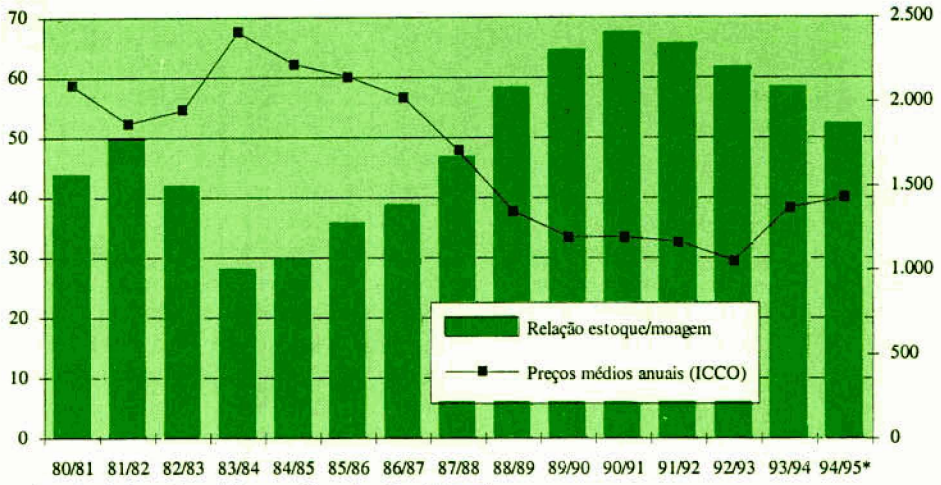
Formação dos preços internacionais do cacau
Relação estoques mundiais/moagens



Fonte: International Cocoa Organization (ICCO).
* Previsão.

termos de custos e promovem um retorno mais rápido do capital.[4]

O problema a ser analisado é bem mais complexo do que parece, pois, além do componente econômico, a atividade possui um forte apelo social e ambiental. No âmbito social, ela é responsável pelo emprego de aproximadamente 140 mil trabalhadores, distribuídos em 29 mil propriedades. Em termos ambientais, o sistema de cultivo conhecido por cabruca é responsável pela preservação dos resquícios de mata atlântica da região, mata que serve de hábitat natural para espécies ameaçadas de extinção. Alternativas que levem em consideração estes aspectos podem perfeitamente ser adotadas sem comprometer a garantia de um rentável retorno econômico. O incentivo ao ecoturismo e a criação de um selo verde para comercializar o cacau brasileiro no mercado internacional podem promover significativos ganhos de renda, haja vista a expansão dos mercados de produtos ecológicos na Comunidade Européia.

O balanço mundial de oferta/demanda

As projeções da International Cocoa Organization (ICCO) para a safra internacional de 1994/95, que será encerrada em setembro deste ano, são de que haverá um déficit mundial em torno de 120 mil toneladas de cacau. Além deste desequilíbrio entre oferta e demanda, a relação entre estoques e moagens encontra-se favorável à manutenção dos atuais níveis de preços no mercado internacional. Tal relação vem caindo desde a safra 1990/91 e, como resultado imediato, os preços médios anuais desde então vêm se sustentando com sucessivas altas. No entanto, para que as cotações atinjam níveis satisfatórios e compatíveis com os custos de produção brasileiros, seria necessário que esta relação não ultrapassasse os 33%, ou seja, os estoques garantiriam até quatro meses de moagem e cotações acima de US$2.000/t. Com os atuais 52% de relação, ou o equivalente a seis meses de moagens, as cotações são pressionadas para menos de US$1.300/t.[5]

GUILHERME SORIA BASTOS FILHO

[4] Outras alternativas são descritas brevemente na publicação da Fundação Centro de Projetos e Estudos, *Região Sul da Bahia: panorama geoeconômico*, destacando-se a seringueira, o coco-da-baía e o mamão.

[5] A relação entre a razão estoques/moagens e a formação dos preços internacionais de cacau é analisada por Fernando Rios do Nascimento, coordenador do trabalho A crise da lavoura cacaueira: sua natureza e soluções. *Estudos de Política Agrícola*. Ipea, 1994. (Documento de Trabalho, 26.)

FRUTAS

Maior demanda interna tolhe o recorde nas exportações

O aumento da demanda interna de frutas impediu novo recorde das exportações.

O resultado final das exportações brasileiras de frutas no ano passado acabou não atingindo novo recorde, conforme pareciam sugerir as informações disponíveis até novembro (ver *Agroanalysis*, *15* (2), fev. 1995). Com efeito, dados compilados pelo Instituto Brasileiro de Frutas (Ibraf) dão conta de que a elevação dos preços no mercado interno, provocada pelo aumento da demanda (como efeito do Plano

Maçã — produção mundial — 1992/93 a 1994/95

(em mil t)

Região	1992/93	1993/94	1994/95[1]
Hemisfério Sul[2]	3.653,9	3.698,5	3.887,5
África do Sul	633,4	627,2	657,0
Argentina	947,0	1.050,0	1.070,0
Austrália	336,0	321,0	322,0
Brasil	400,0	456,8	487,5
Chile	850,0	800,0	810,0
Nova Zelândia	487,5	443,5	541,0
Hemisfério Norte	31.788,6	32.913,0	32.400,0
Alemanha	3.227,8	1.718,4	2.126,0
Áustria	232,5	318,2	273,3
Bélgica/Luxemburgo	492,1	530,2	527,7
Bulgária	221,2	118,0	110,0
Canadá	564,0	473,7	500,0
China	6.556,0	9.070,0	10.000,0
Dinamarca	83,0	85,0	78,0
Eslováquia	112,0	112,0	57,0
Espanha	1.095,4	874,1	724,4
EUA	4.798,4	4.860,0	4.948,4
Formosa	12,6	8,1	7,0
França	2.398,2	2.079,0	2.113,4
Grécia	385,3	325,3	335,0
Holanda	640,0	670,0	600,0
Hungria	666,0	819,0	700,0
Itália	2.394,0	2.145,0	2.057,0
Japão	1.039,0	1.011,0	1.048,0
México	580,0	500,0	522,0
Noruega	43,3	58,6	50,0
Polônia	1.569,0	1.842,0	1.300,0
Reino Unido	337,0	324,6	312,4
Romênia	541,1	1.097,2	525,0
Rússia	1.425,0	1.544,0	1.230,0
Sérvia/Montenegro	204,0	190,0	195,0
Suécia	71,7	59,6	60,0
Turquia	2.100,0	2.080,0	2.000,0
Mundo	35.442,5	36.611,5	2.000,0

Fonte: USDA.

[1] Estimativa preliminar.

[2] Safras colhidas em 1995.

Real) e pela menor oferta resultante da geada no sul do país, desviou a venda das frutas que iriam para o exterior.

As frutas cujas exportações foram reduzidas foram a uva (das 12.553t de 1993 para 7.092t, em 1994), a manga (18.202t, em 1993, passando a 13.181t) e aquelas vendidas tradicionalmente para o Mercosul (abacaxi, banana, melancia e morango). Estas últimas tiveram suas exportações para os vizinhos bastante reduzidas, pois passaram de 120.455t para 63.028t, em razão de perda de competitividade. No caso da banana, entrou na Argentina o produto equatoriano.

O abacaxi, porém, esteve entre aquelas frutas que aumentaram suas exportações, em geral, no ano passado. As demais foram as frutas cítricas, lideradas pela laranja, seguidas pelo melão e a maçã. No caso desta última, é interessante observar que a tão temida concorrência argentina de há alguns anos passou à condição de definidora de uma referência de preços para o produto nacional. Atualmente, em razão de se contar com variedades novas, diferentes e de boa qualidade, como a gala e a fuji, além do menor custo da mão-de-obra (vantagem comparativa ainda não eliminada), a pomicultura brasileira é considerada competitiva. A variedade gala responde por 47% dos pomares, a fuji por 42% (no Japão, país de origem, corresponde a 80% do total das maçãs) e *a golden delicious* por 5%. Esta responde por cerca de 40% da produção da União Européia e, pelo bom rendimento físico, chegou a dominar o comércio mundial, há três décadas. Em 1994, a maçã brasileira teve como principais mercados no exterior os Países Baixos, com 75% das exportações (US$11,23 milhões) e os EUA, com 20% (US$2,99 milhões).

A safra de 1994/95 foi estimada pelo USDA em 487,5 mil toneladas, 7% acima do obtido no ano anterior, com boa qualidade, mas tamanho menor, devido à maior quantidade produzida.

Cabe aqui destacar que a Argentina tem sua produção deste ano estimada pela mesma fonte em 1,07 milhão de toneladas, 2% acima da safra precedente e quase igual ao recorde de 1986/87, que foi de 1,08 milhão de toneladas. Os argentinos estão optando cada vez mais pelas variedades *red delicious* e gala. As maçãs daquele país não costumam, em média, ter boa qualidade exportável (apenas 25% são exportadas) e cerca da metade da produção é destinada à industrialização.

Em termos de área plantada, a maçã argentina ocupa 54 mil hectares e tende a ficar estável. A área brasileira totaliza hoje 24,8 mil hectares e espera-se que chegue aos 27 mil hectares, no ano 2000.

Esta extensão já rivaliza com a do terceiro país sul-americano que se destaca na pomicultura, que é o Chile. As maçãs chilenas deverão estabilizar sua área em torno de 25,5 mil hectares, a partir do ano que vem. No entanto, os rendimentos físicos superiores fizeram com que lá se colhessem 810 mil toneladas, com predomínio das variações de *red delicious*. Os produtores locais também estão diversificando seus pomares, plantando variedades como fuji, gala, *jonathan* e *braeburn*. Isto se faz necessário pois, conforme observação do trabalho *O mercado mundial de frutas*, editado pelo Programa de Apoio à Produção e Exportação de Frutas (Frupex), "a gama chilena não é muito variada e é considerada obsoleta, com 60% de *granny smith* e 20% de *red delicious*".

Observe-se que, segundo o Frupex, a pequena produção sul-americana (comparativamente ao total mundial) atinge apenas 5,5% da safra global, mas corresponde a 15% do comércio mundial.

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA

LARANJA

Fortes mudanças nas demandas externa e interna do suco de laranja

O crescimento da produção e das vendas do suco natural de laranja no país desperta o interesse das empresas para o potencial deste mercado.

Em fins de março, a Associação Brasileira de Exportadores de Citrus (Abecitrus) divulgou suas estimativas para 1995/96, da ordem de 320 milhões de caixas para a produção de laranjas e de 240 milhões de caixas para o processamento. Estes números são, respectivamente, 15,5 e 5,7% maiores do que os resultados de 1994/95.

O mercado surpreendeu-se com a avaliação da colheita. Esperava-se que a produção não ultrapassasse 300 milhões de caixas. Sintomaticamente, já no dia seguinte à divulgação dos dados da Abecitrus, a cotação do suco na Bolsa de Nova York registrou queda, com o valor dos contratos para entrega em maio caindo US¢1,35/lb e encerrando as operações a US¢102,65/lb.

Da mesma forma, os representantes dos produtores no Brasil levantaram suspeitas de que o total informado pelas indústrias se adequaria à intenção destas últimas de forçar uma desvalorização do preço a ser pago pela fruta.